

Uma desordem além do ser: o homem e seu outro

Ana Carolina Belchior de Jesus¹

RESUMO: O presente trabalho visa cotejar algumas características em comum de narradores-protagonistas, especialmente nas obras de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica* (1975) e *Um copo de cólera* (1978). Para a análise de temas como alteridade e ética, elegeu-se a abordagem filosófica do pensador contemporâneo Emmanuel Lévinas.

ABSTRACT: This paper aims to compare some characteristics in common for protagonists/narrators, particularly the works, *Lavoura Arcaica* (1975) and *Um Copo de Cólera* (1978) by Raduan Nassar. For the analysis of issues such as ethics and otherness, it was elected the philosophical approach of the contemporary philosopher Emmanuel Lévinas.

PALAVRAS-CHAVE: Narradores- protagonistas; Raduan Nassar; Alteridade; Ética
KEYWORDS: Protagonists/narrators; Raduan Nassar; Otherness; Ethics

*Então erguia-se na cama, queria disparar;
mas havia sempre alguém que o dominava à força,
e caía de novo na inércia e no torpor.
(Dostoiévski, Crime e castigo)*

O que escapa no delírio, o lapso do exausto e o espaço (*creux*) entre alteridades

Ao lidar com um grande clássico da história da literatura mundial e com algumas obras da literatura nacional e contemporânea, interessa-me o estudo da questão subjetiva esgarçada nos narradores e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literaturas de Língua Portuguesa. 'Literatura e Cinema nas obras de Raduan Nassar: uma abordagem contemporânea'. Contato: carol_belchior@yahoo.com.br

contemplada aqui por alguns personagens. Entre eles estão o universal Raskólnikov, protagonista de *Crime e castigo* (1866), e alguns outros, como o narrador de *O quieto animal da esquina* (1991), de João Gilberto Noll, e, mais especificamente, formando o escopo deste trabalho, os dois protagonistas de um escritor manauense de origem libanesa, Raduan Nassar. São eles: André, de *Lavoura arcaica* (1975) e o narrador sem nome de *Um copo de cólera* (1978).

As obras trazem, como traço comum, relatos de reverberações de personagens-protagonistas em situações levadas aos limites do (in)consciente, sublevados pelas próprias características que os definem e/ou articulam suas atitudes.

O romance de Dostoiévski não gira em torno apenas da investigação do assassino de Alena Ivánovna, uma velha usurária e Lisavieta, sua irmã. Sobretudo, circunscreve o angustiante desvelar desse enredo, uma descida em espiral aos tormentos psicológicos do jovem professor de línguas.

Os sofrimentos que as interpelações sobre o crime causam em Raskólnikov o conduzem à cisão que seu próprio nome imprime, traduzindo na face humana a misteriosa concretização de sua imaterialidade. Esta, na obra, é sentida pela relação entre os personagens e pela desvelação (retirada do véu) do imprevisível, daquilo que vem a “ser surpreendido”² a outrem e a si mesmo.

No romance de Noll, um narrador deambula na tentativa de sobreviver, de escapar à falta de casa sem, contudo, conseguir adquirir alguma estabilidade. A rua e a deambulação não são apenas o ponto de partida, mas o meio pelo qual se vai desenrolando a história. Tormentos e conjecturas subjetivas atingem esse personagem errante. Ele está sempre em situação, sua vida em processo, e sua potencialidade de consciência está embriagada do sintoma da poesia.

² Termo proposto por Francis Bacon ao se referir à sensação que mora no imprevisível, na abstração que não pode ser dita ao tornar-se sensível a percepção da sonoridade. Citado por FERRAZ, Silvio. *Livro das sonoridades (notas dispersas sobre composição)*. São Paulo: Fapesp, s. d., p. 72.

A presença da escrita, principalmente da criação poética toma lugar de destaque, pois o narrador/protagonista está sempre a escrever um verso num pedaço de papel ou guardanapo, a encher folhas e folhas da gaveta da casa de Kurt.

A inépcia cada vez mais acolhedora cobre essa *primeira pessoa despersonalíssima*. Ao deslizar pelos planos sente o ruir de seu tempo sem tomar, com isso, dimensão de sua própria vida.

Numa outra gaveta havia envelopes, quando dobrava a carta e a enfiava num envelope senti o prazer que costumava ter quando empregava uma mentira redonda, quando conseguia enganar sem deixar rabo, coisas que eu sabia fazer se fosse por escrito, falando não, aí eu já entrava numa compulsão de ser descoberto mentindo, parece que eu chegava a simular os olhos sonsos, olhando de viés, parece que me ardia na face um fogo que eu poderia apagar se realmente quisesse, mas como daquela vez, ao escrever a alguém uma mentira que me dava a sensação de estar no ponto da pessoa acreditar, aquilo me levava a uma euforia, como se eu estivesse perto, bem perto de algum estado que representaria para mim, sei lá, uma espécie de emancipação.(NOLL, 1991, p. 25).

O mesmo sujeito, entorpecido pela confusão entre o sonho e a realidade, está para Raskólnikov como um *semelhante sensório* sob a custódia de suas potentes narrativas. Ambos os protagonistas vivem situações em que pouco compreendem como se deu o início do desvanecimento da inteligibilidade dos fatos.

Porém, demarcadas as extenuantes reações distintas e considerando, sobretudo, a densidade da envergadura de cada obra ao seu tempo, autor e diégese apresentada. Utilizo-me deste breve cotejamento para adicionar a esta reflexão outros dois personagens das obras de Raduan Nassar, já citados acima, aqui trazidos para enfatizar o comparativismo das situações, que também os definem como “desordenados pela exaustão da percepção”.

A alteridade nas obras de Nassar

Para tratar de alteridade chamo Emmanuel Lévinas, filósofo testemunho privilegiado da história do século XX. Destaco de seu pensamento o tema da alteridade advinda do rosto do outro, e a que se vincula a responsabilidade por outrem. *Desde que o outro me olha, sou por ele responsável, sem mesmo ter que assumir responsabilidades a seu respeito; a sua responsabilidade incumbe-me.* (LÉVINAS, 1988, p. 88)

Nascido numa família judaica na Lituânia, teve desde cedo contato com os clássicos da literatura como Dostoiévski. Foi aluno de Edmund Husserl e Martin Heidegger, os quais exerceram influência nas obras do filósofo. Lévinas, ao repensar a ontologia, não a toma como filosofia primeira para a questão do ser, mas sim como a ética existente no processo da relação do homem com o outro.

Nesse sentido, os temas da alteridade e da ética são para Lévinas, notadamente, as potências propulsoras de toda sua filosofia, assim como pensar a responsabilidade como estrutura essencial para a fundamentação da subjetividade é, em termos éticos, descrever a mesma.

A ética aparece em sua obra como suplemento de uma base existencial prévia; é na ética, entendida como responsabilidade, que se dá o próprio nó da subjetividade.

A proposição da ética fundamenta-se na relação com o rosto, de forma que, o movimento que o eu (*moi*) tem para o outro se traduz no encontro que delinea a orientação ou sentido da retidão³. Portanto, ao tratar dessa consciência ética, na situação explícita de alteridade, Lévinas está colocando seu pensamento no ponto de significação da existência humana, propondo uma exegese nem negativa, nem otimista sobre o ser, mas sobre aquilo que vai para além dele, que o excede (*surplus*).

Estabelecer a ideia de responsabilidade é imediatamente remeter à ordem inter-humana, ou seja, apreciar a manifestação do homem em direção a outrem, que não é somente colaborador, mas interlocutor.

³ Retidão — virtude de estar em conformidade com a razão, com o dever; direção indicada pelo senso de justiça. Equidade.

A presença do (outro) rosto significa, assim, uma ordem irrecusável — um mandamento. Esse movimento de *visitação* consiste em desordenar o questionamento da consciência.

O rosto desconcerta a intencionalidade que o visa convidando o eu (moi) a perder sua identificação, a expulsar-se deste repouso voltando-se ao rosto num acolhimento absolutamente outro. Sua presença é uma intimação para responder. (LÉVINAS, 1993, p. 61)

O convite ou a intimação à interlocução, que a alteridade problematiza, converge numa concatenação de rupturas, sobre as quais se manifestam as relações. A ruptura do silêncio pela palavra ou pelo câmbio de semblante do próximo sucede no próprio eu a responsabilidade por outrem.

Na codificação intersubjetiva da assimetria do rosto define-se a hospitalidade ou hostilidade da relação, que levada às várias possibilidades de abertura recai sobre uma responsabilidade ética.

Nas obras de Raduan Nassar encontramos, na posição face-a-face dos personagens, um constante exercício intersubjetivo, humano e intercambiável infinitamente.

Em *Lavoura arcaica* (1975), por exemplo, temos a história de André, narrador-protagonista, centro dos conflitos do enredo, narrando suas memórias *para o leitor, para o irmão, com o irmão*, seu interlocutor fora da fazenda e, essencialmente, para si mesmo. André abre sua vida ao visitar no rosto do irmão a lembrança das *tardes vadias na fazenda*.

Me larguei na beira da cama, os olhos baixos, dois bagaços, e foram seus olhos plenos de luz em cima de mim, não tenho dúvida, que me fizeram envenenado, e foi uma onda curta e quieta que me ameaçou de perto, me levantando impulsivo quase a incitá-lo num grito “não se constranja, meu irmão, encontre logo a voz solene que você procura, uma voz potente de reprimenda, pergunte sem demora o que aconteceu comigo desde sempre. (NASSAR, 2005, p. 15)

É então nesse recebimento de luz, *como um texto do seu contexto*, que a oferta de André ao desvendamento do distanciamento que o

encarcera ao irmão, passa a dimensioná-lo à instância da memória e da solicitude.

Lévinas chamaria esse momento escapista de *epifania do outro*:

A epifania comporta uma significação própria, independente da significação recebida do mundo. O outro não nos vem somente a partir do contexto, mas sem esta mediação, significa por si mesmo. (LÉVINAS, 1993, p. 58)

Verifica-se, portanto que, dada a revelação da presença do outro, a epifania do rosto é a própria *visitação*.

A condição da presença significa a interpelação do outro intimando uma resposta, uma lógica de ordem ou desordem dentro da obrigação, ou melhor, da responsabilidade da decisão.

André escolhe o caminho da necessidade ao re-ordenar a impermanência que atormenta seu espírito, e que passa, a partir da relação com o irmão, a desordená-lo, desconcertá-lo, alocando-o no devido lugar do *elã infinito*.

Há que se pautar sobre a questão trazida por Lévinas da *orientação do ser* – um sentido, no qual se estabelece o objetivo da liberdade e da movimentação ao outro que é absolutamente outro.

Constatamos, em *Lavoura*, um diálogo acalorado sobre a família, o apelo do irmão ao rosto de André. As reminiscências da consciência saltam-lhe do semblante (*o que está absolutamente exposto*), ao ouvir sobre a mãe e Ana, cujas referências recaem na *assimetria intersubjetiva: a situação excepcional do eu* (LÉVINAS, 2004, p. 145), é chamado à razão diante do narrado.

“Quanto mais estruturada a família, mais violento o baque, a força e a alegria de uma família assim podem desaparecer com um único golpe” foi o que ele disse com um súbito luto no rosto, e parou, e num jorro instantâneo renasceram na minha imaginação os dias claros de domingo. // “Mas ninguém em casa mudou tanto como Ana, foi só você partir e ela se fechou em preces na capela” ele disse e eu vi que meu quarto de repente ficou escuro, e só eu conhecia aquela escuridão, era uma escuridão a que eu de medo fechava sempre os olhos. (NASSAR, 2005, p. 26-37)

A partir daí a transfiguração do personagem o condena ao torpor sem destino nem volta. Invocado à relação com o absolutamente outro, André se torna legitimamente responsável por enfrentar toda família configurada no irmão. Ser responsável, para Lévinas, é antes de tudo orientar o sentido da relação inter-humana.

A isso está também submetido o narrador (i)limitado de *Um copo de cólera* (1978), quando, à mercê de um súbito ataque histérico, avança para sua interlocutora mais sagaz com um ímpeto descentralizado, cujas raízes se espalham vorazes pelo campo atacado pela insurreição de saúvas.

Entretanto, apesar do repentino descontrole, o protesto clama pela comiserção do eu, desafia a multiplicidade do outro. Temos aqui um apelo mais definido e cobiçado. O que propõe Lévinas ao tratar da ética como caminho não apenas de relação recíproca, mas, sobretudo, como ordem e justiça para que haja limite à minha responsabilidade. O narrador instiga a possibilidade assídua de fronteira, evocando, deveras, o espaço de cada um.

Eu a conhecia bem, ela era daquelas que só dão uma alfinetada na expectativa sôfrega de levar uma boa porretada, tanto assim que ela, na hora da picada, estava era de olho na gratificante madeira do meu fogo, de qualquer forma eu tinha sido atingido, ou então, ator, eu só fingia, a exemplo, a dor que realmente me doía, eu que dessa vez tinha entrado francamente em mim, sabendo no calor aqui dentro de que transformações era capaz. (NASSAR, 1992, p. 39)

Por se tratar de apenas dois personagens todo o tempo, o debate e as posturas descritas ganham propriedades concernentes a cada um. Com efeito, o movimento que se processa é condicionado ao chamamento para a discussão que, na filosofia de Lévinas, denomina-se *acolhimento* ou *hospitalidade*.

O rosto sempre se abre ao acolhimento e acolhe de maneira despreziosa, sem exigir responsabilidade, mas já se responsabilizando pelo outro, com intuito genuíno de tornar a relação propriedade de cada um. Implicação ética do tema.

Segundo Haddock-Lobo, em capítulo de seu estudo sobre Lévinas, tratando sobre o ‘Feminino: acolhimento e fecundidade’:

[...] a ética vista como pensamento da alteridade feminina é a ética do acolhimento, da hospitalidade que possibilita a abertura para o espaço do novo, para o filho que surge do para-além do ser: o impossível, o inesperado, o incalculável, etc. (HADDOCK-LOBO, 2006, p. 53)

O inesperado se caracteriza no próprio jogo da *retidão*, do lançar-se sempre para outra dimensão e nesse caminho encontrar, no outro, aberturas mais hospitaleiras, pois quanto mais acalorada a discussão, mais construção se dá no processo. Esse *levar adiante da hospitalidade*, como acrescenta Jacques Derrida em seu *Adeus a Emmanuel Lévinas*, conjuga o movimento de pulsação convocada sempre que há qualquer tipo de interação.

Numa passagem de disputa entre os personagens de *Um copo de cólera*, deparamo-nos com o cruzamento entre os argumentos, atravessados pelo ponto de vista de cada um, em cuja coincidência dos contrários algo se entrevê no reconhecimento do outro, porém sem se revelar. E avança para a razão.

MULHER — corta essa de solene, desce aí dessas alturas, entende, ô estratosférico, que essa escalada é muito fácil, o que conta mesmo na vida é a qualidade da descida, não me venha pois com destino, sina, Karma, cicatriz, marca, ferrete, estigma, toda essa parafernália enfim que você bizarramente batiza de ‘história’; se o nosso metafísico pusesse os pés no chão, veria que a zorra do mundo só exige soluções racionais, pouco importa que sempre sejam, a seu tempo, as melhores; só um idiota recusaria a precariedade sob controle...(NASSAR, 1992, p.57-58).

HOMEM – já te disse que a margem foi um dia meu tormento, a margem é agora minha graça, rechaçado quando quis participar, o mundo hoje que se estrepe! Caiam cidades, sofram povos, cesse a liberdade e a vida, quando o rei de marfim está em perigo, que importa a carne e o osso das irmãs e das mães e das crianças? (NASSAR, 1992, p. 59)

Trata-se de um apelo ao reconhecimento do outro no qual uma das partes tende a desconhecer o acolhimento, a fim de reencontrar o

sentido que a oriente. É a necessidade do retorno para si. O que entrelaça esses personagens é o movimento de um em direção ao outro. Nesta obra, a eloquência do diálogo é primazia absoluta para sua concretização, mais que em *Lavoura arcaica*, as relações de um protagonista concorrem com a sua réplica e, nesse caso, passam ambos interlocutores a dominar a ação principal.

Não se trata aqui de analisar somente a eminência do protagonista, porém avaliar seu papel em função do outro que participa da construção da narrativa junto a ele.

Sabe-se que o narrador de *Um copo de cólera* é quem orienta o leitor para o desenrolar de sua própria interpretação das atitudes do casal. No entanto, há a questão dos limites posta a todo o momento por ambos, tanto na discussão quando nos argumentos utilizados, os quais servem de contraponto para o debate.

Onde se dá a sucessão de alteridade e responsabilidade ética? Na linguagem, no discurso, nos diz Lévinas. *O conhecimento que absorve outrem coloca-se logo no discurso que lhe dirijo. Falar, em vez de ‘deixar estar’, solicita outrem.* (LÉVINAS, 1980, p. 174) É também no discurso que a recepção de outrem se sujeita a alterações, estas levadas ao contágio do inovador, da abertura ao desconhecido, torna-se instigante para a evolução do debate.

A relação com o outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas. (LÉVINAS, 1993, p. 56) Diante da mulher, o narrador de *Um copo de cólera* está sempre investindo um desejo, uma intenção de chamamento do outro e a descoberta *per si*. Nesse ínterim, acontece a manifestação da alteridade do rosto, o qual desconcerta a intencionalidade que o visa fazendo com que o eu (*moi*) questione a consciência.

Ser eu (*moi*) significa, a partir daí, não se poder furtar à responsabilidade, como se todo o edifício da criação repousasse sobre meus ombros. Mas a responsabilidade que esvazia o eu (*moi*) de seu imperialismo e de seu egoísmo — seja ele egoísmo da salvação — não o transforma em momento da ordem universal, porém confirma a unicidade do eu (*moi*). A unicidade do eu (*moi*)

é o fato de que ninguém pode responder em meu lugar.
(LÉVINAS, 1993, p. 61)

Ao conscientizar sua inteireza responsável, ainda que subjetiva, o eu (*moi*) realiza na alteridade com o outro o processo de justiça, retidão, equidade. Traz para a relação o que poderemos chamar de *assunção da postura diante do outro*. É na acolhida que a postura responsável revela-se e se liberta em favor da expressividade da linguagem, ou seja, a insurgência do discurso é de fato o que permite no seio da forma a atividade ética. Visto que, assim o eu (*moi*) depara-se com sua orientação infinitamente responsável diante do outro.

Pois tudo acontece diante do outro. O jogo das retomadas está prestes a elucidar-se quando no outro aumenta o apelo, quando o outro entoa o desejo do eu em direção ao outro que ainda é o mesmo:

[...] acabei invertendo de vez as medidas, tacando três pás de cimento pra cada pá de areia, argamassando o discurso com outra liga, me reservando uma hóstia casta e um soberbo cálice de vinho enquanto entravam firme e coeso (além de marginal, como ator) na liturgia duma missa negra ‘tinha treze anos quando perdi meu pai, em nenhum momento me cobri de luto, nem mesmo então sofri qualquer sentimento de desamparo, não estaria pois agora à procura de nova paternidade, seria preciso resgatar a minha história pr’eu abrir mão dessa orfandade’
(NASSAR, 1992, p. 52-53)

Na disputa cada qual assume sua postura de justificativa pelo ataque, pela apelação exacerbada diante de um tema que reflete a vida mesma do casal, cada um na sua inviolável ética persegue o rumo da narrativa como se a defesa da verdade estivesse acima de um contato simplesmente lógico. Contudo, é na correspondência das subjetividades dos eus que o ato ético eleva o ser pra o além-ser.

É na relação pessoal, do eu ao outro, que o ‘acontecimento’ ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima do ser. (LÉVINAS, 2004, p. 269)

Considerações finais

A marca da reclusão é recorrente em todos os protagonistas. Apresenta-se resistente a cada interferência da presença irremediável do outro. Desde que sua responsabilidade o incumbe da arguição, também regula os limites das movências.

Até onde a retirada do véu incita a continuidade das insurgências dos rostos, conseqüentemente de suas maturidades manifestadas na solidão? Quanto mais lesão e defesa do repertório, maior responsabilidade individual, ainda que a pluralidade gerada pelo outro seja proporcional ao lugar da autonomia plena.

Todos os personagens em questão encontram-se em conflito com sua própria existência, *com o existir*, por assim dizer, e, portanto, se abrem ao sofrimento, ao isolamento e à morte do outro de forma intransitiva. Não se trata apenas de manter relações, mas de representar uma partilha de existência, *com a possibilidade não de sair da solidão, mas sim de sair do ser*. (LÉVINAS, 1992, p. 51)

A participação da alteridade compreende-se em Raskólnikov como um limite de exteriorização de sua desordem, a constar pelo desfecho do crime confesso. Já o narrador sem nome de *O quieto animal da esquina* não sai em busca de algum sentido para sua viagem sem-resposta. *A ambigüidade de uma partida sem retorno, como um óbito*. (DERRIDA, 2004, p. 21)

Para o narrador de *Um copo de cólera* e para André, de *Lavoura arcaica*, as relações de alteridade lançam os personagens ao mistério de que fala Lévinas em *Le temps et l'autre*. Conduzem cada esfera protagonizada para a cisão de estados de consciência, como se cada novo encontro com o outro abrisse nos personagens o evento da morte que marca o isolamento do próprio ser e, paradoxalmente, também o evento do além-ser.

Guardadas as diferenças de construção de personagens de cada obra, e de maneira breve e angular, os elementos que dimensionam esses personagens ao recolhimento de si e à partida em direção ao acolhimento do outro, centram-se na mais fecunda e plural relação de

“outridade”. À qual Lévinas trata por justiça, filosofia e desejo. No intervalo entre um e outro, sempre há um deslocar-se ao infinito.

O que ordena a reflexão sobre as obras é o que ordena a filosofia contemporânea, o encaminhamento à razão, à filosofia ética, *a um outro pensamento sobre a ética, sobre a responsabilidade, sobre a justiça, sobre o Estado, etc.* (DERRIDA, 2004, p. 18), a um outro pensamento sobre o outro. Ao *absolutamente outro*.

Referências bibliográficas

- DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Perspectiva: São Paulo, 2004.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch. *Crime e castigo*. Trad. Natália Nunes. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas*. Rio de Janeiro / São Paulo: Ed. PUC-Rio / Loyola, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre alteridade* Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. Lisboa: Ed. 70, 1988
- _____. *Humanismo do outro homem* Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Totalidade e infinito*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1980.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Um copo de cólera*. 5ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- NOLL, João Gilberto. *O quieto animal da esquina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.